



CONSIDERAÇÕES SOBRE A MALDADE NO CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO ATUAL



Waldir Neves FERNANDES
Docente da Faculdade de Ciências da Saúde - FASU

RESUMO

O presente trabalho versa sobre algumas reflexões a respeito da forte presença da maldade humana no Brasil atual. Para tanto, o enfoque é do ponto de vista que concebe o homem enquanto espécie, um ser natural portador de um cérebro constituído de três partes % racional, emocional e perversa %, que interagem entre si. Para compreender porque ocorre a predominância de uma das partes sobre as outras em determinado momento histórico de uma dada sociedade, torna-se necessário investigar o conjunto de múltiplas determinações: sociais, políticas, econômicas, culturais, biológicas e geográficas.

Palavras chave: maldade; comportamento humano; múltiplas determinações; Brasil.

SUMMARY

Considerations about the wickedness in the current historical Brazilian context

This paper concerns some reflections about the strong presence of human wickedness in Brazil today. The focus is from the point of the view which sees the human being as a species, a natural being who has a brain compound of three parts % a rational, an emotional and a perverse %, which interact among themselves. To understand why the predominance of one of the parts occurs in a certain historical moment and in a certain society, it's necessary to investigate the set of multiple determinations: social, political, economical, cultural, biological and geographical.

Keywords: wickedness; human behaviour; multiple determinations; Brazil.

Este trabalho justifica-se pela emergência do tempo presente: tempo de imensa insatisfação, decorrente da grande exclusão social geradora de um mundo caótico, repleto de incertezas, ansiedades e manifestações de violência.

A nossa época parece ter eleito a palavra *Maldade* para ser exaltada, tanto nos filmes nacionais produzidos, quanto nos livros literários e teóricos publicados nas últimas décadas do século XX. Será que toda essa "exaltação", todo esse "modismo" da palavra Maldade não seria o reflexo do que nos é exposto, diariamente, nas ruas e nos noticiários dos jornais: a crueldade humana levada aos extremos? A maldade em sua pura manifestação, que de tão comum, ordinária, já não causa mais espanto, indignação, é objeto de prazer e de consumo.

O propósito deste texto é tecer algumas reflexões sobre o tema da perversidade humana em nosso contexto histórico atual. Para tanto, o homem será considerado não apenas como um ser racional, mas complexo, dotado de inclinações naturais, que correspondem a razão, a emoção e a perversidade, interativas entre si. O conjunto de múltiplas determinações - sociais, políticas, econômicas, biológicas e culturais - pode ocasionar a predominância de cada uma dessas partes. Esta abordagem, portanto, distancia-se de uma perspectiva dualista, essencialista ou positivista, porque não concebe o homem como portador de uma essência boa ou má, ou seja, nele convivem todas as coisas juntas e misturadas, depende das condições históricas a direção em que isto vai desenvolver-se.

Segundo as narrativas bíblicas, em sua origem, o homem foi criado para ser bom, todavia, cometeu o pecado original. Ele comeu da árvore do conhecimento querendo tornar-se auto-suficiente como Deus, rebelando-se contra o projeto divino e fazendo seu próprio projeto: liberdade e vida só para si mesmo; porém, na sua auto-suficiência, ele produz o contrário: escravidão e morte. A origem do mal, no texto bíblico, tem como centro a pretensão do homem querer ser como Deus. Com efeito, ao proceder desta forma, as relações de fraternidade transformaram-se em relações de poder e opressão; a relação de partilha transformou-se em exploração, e esta produziu a riqueza de poucos e a pobreza de muitos.

Algumas pessoas pensaram, e outras pensam, que o mal não tenha vindo de fora se alojar no homem. Hobbes (1979), por exemplo, em suas reflexões, percebe a perversidade como inerente à criatura humana, que tomada em seu “estado de natureza”, arrebatada pelas paixões, esforça-se para se sobrepor as demais, objetivando satisfazer seus apetites (desejos), decretando um conflito permanente - “uma guerra de todos contra todos” - em busca do máximo de prazer e de nele permanecer: “o homem é o lobo do homem”. Para que a sociedade humana pudesse existir, houve a necessidade de uma limitação dos desejos (repressão), selada por meio de um pacto de convivência no mundo da vida. Assim, os homens renunciaram a seu direito a todas as coisas, “desistindo” cada um de ser obstáculo a autopreservação do outro.

O medo da guerra e da morte teria levado, na hipótese hobbesiana, o homem a um pacto de convivência, e ao consenso, no qual instituiu um ser artificial, superior, mantenedor da paz e da esperança: o Estado. Conforme observa Hobbes (1979), a guerra é a manifestação do desejo de segurança para a autopreservação de cada um, e é também elemento de insegurança e medo da morte.

A insegurança, o medo e a desvalorização da vida parecem ser problemas constantes na sociedade brasileira, pois a violência está na raiz de sua formação, caracterizada nas ações perversas das classes dominantes: dos colonizadores sobre os índios, dos senhores sobre os escravos, dos patrões sobre os empregados; da Colônia à Independência, da Monarquia à República. O domínio e a apropriação do Estado por grupos de interesse, que monopolizam a riqueza e o prazer, promovem a insatisfação e o desprazer, afastando a esperança e deixando em seu lugar a presença da morte.

Esses grupos, temerosos pela diminuição de seus prazeres, engendram a partir de elementos universais, comuns a todas as pessoas, uma realidade ficcional, objetivando a ocultação da vida concreta, uma justificação para a situação angustiante do mundo da vida. Mas, parece que tais mecanismos têm seus efeitos determinados pela quantidade de desejos permitidos, prometidos e realizados. A privação, necessariamente, produz um retorno ao “estado de natureza”, uma busca sem fronteiras da realização dos desejos. Nas palavras de Hobbes: (...) *todo homem deve esforçar-se pela paz, na medida em que tenha esperança de conseguí-la, e caso não a consiga pode procurar e usar todas as ajudas e vantagens da guerra.* (1979, p.79).

Freud (1978) parece compartilhar da opinião de Hobbes ao manifestar que, a civilização só se tornou possível com a limitação dos desejos, compreendendo o homem como uma unidade autônoma, um eu que, em sua relação com o mundo exterior, mantém linhas demarcatórias bem claras e nítidas; um puro eu em busca do prazer (um ser aí), que sofre o confronto de um mundo ameaçador, inclusive seus semelhantes, obstáculos às realizações de desejos, do propósito da vida: a felicidade.

A concentração da riqueza e do prazer em nossa sociedade, garantida a pequenos grupos pelo Estado, distribui a privação à imensa maioria da população. Milhares de pessoas não conseguem o básico à subsistência sendo obrigadas a recorrerem, diante da necessidade, a toda forma de violência, até mesmo, a destruição de seu semelhante por um par de tênis ou um boné. Dentro de um mundo da propriedade e da produção, onde as relações sociais estão baseadas na troca de mercadorias e no acúmulo de riquezas - mundo reificado -, que não considera uma convivência social justa, o recalque dos desejos sem a substituição do objeto causador de excitações, aos poucos acresce de forma a potencializar o grau de insatisfação, encontrando na agressividade uma forma de manifestação.

O especialista francês Jean-Claude Chesnais, autor do livro *Histoire de la Violence* (1981), foi convidado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial para fazer um estudo sobre a violência brasileira. Chesnais entende por violência o atentado físico contra o corpo de uma pessoa, o homicídio e o ferimento grave. A culpa da violência no Brasil, segundo ele, é da incompetência do Estado, pois um Estado forte e organizado impede o aumento da violência. Além da restauração do Estado, ele indica como fundamental o diálogo entre a polícia e os pobres, e também destaca o papel da educação para evitar a criminalidade.¹

Os dados estatísticos mais recentes do IBGE apenas confirmam o que já se sabe: o Brasil é um país repleto de desigualdade, analfabetismo e fome. Para termos um panorama da realidade brasileira, alguns dados são exemplares da crueldade do Estado, como, por exemplo, os levantados pelo Censo 2000, reveladores de que um terço da população (31,4%) com mais de dez anos de idade pode ser considerada analfabeta ou analfabeta funcional, ou seja, é capaz de decodificar as letras, as palavras, mas não compreender seu significado.² Tal fato é corroborado pela classificação do Brasil em último lugar no PISA 2000 – Programa Internacional de avaliação de Estudantes –, cujos resultados traduzem o

grau de inteligibilidade na leitura e compreensão de texto dos jovens de 15 anos em 45 países.³

Os números do IBGE ainda mostram outros dados perversos da realidade brasileira. Em agosto de 2000, recenseadores descobriram a existência de 1 milhão de crianças de 10 a 14 anos que trabalhavam, sendo 95 mil em carga horária de 49 horas semanais. No mesmo período, mais da metade dos brasileiros ganhavam, no máximo, 2 salários mínimos. Dados extraídos da *Síntese dos Indicadores Sociais 2002* do IBGE mostram que 1% mais rico da população acumula o mesmo volume de rendimentos dos 50% mais pobres e os 10% ricos ganham mais que os 40% mais pobres.

É verdade que não se pode fazer uma associação direta entre miséria e criminalidade, mas o fato é que, enquanto a miséria cresce no Brasil, a violência atinge pontos assustadores. Em meados da

década de 90, pesquisa divulgada pelo jornal *Folha de São Paulo* aponta como principal causa da criminalidade a disparidade entre ricos e pobres em um mesmo lugar, fator que explica porque a sociedade brasileira possui a maior média de homicídios do mundo, entre os países que não estão em guerra ou sofrendo com guerrilhas. A tabela feita pela *Folha*, com alguns países que possuem estatísticas sobre homicídios, demonstra que, quanto maior a desigualdade social, maior a violência. O jornal cita como exemplo a Grande São Paulo, cuja taxa de homicídio anual, por grupo de 100.000 habitantes, aumentou 83% entre 1984 e o começo de 1995. Além da desigualdade acentuada entre ricos e pobres, o jornal indica ainda outros fatores como causas da criminalidade no Brasil, tais como o racismo, o alcoolismo, as drogas, a facilidade de comprar armas e o baixo índice de escolaridade.⁴

Como se vê, os dados levantados contribuem com a hipótese de que o sentimento de privação do indivíduo, gerado pela concentração de riqueza nas mãos de poucos, produz e acentua a violência em nosso país. A crueldade, o desinteresse, a falta de condições materiais e morais, o desaparecimento do próximo dando lugar ao concorrente, a desagregação dos costumes e das expectativas de comportamentos, retiram do cotidiano brasileiro uma “normalidade” pré-estabelecida refletindo uma sociedade em desagregação, que expande vertiginosamente seus bolsões de misérias, geradora de um “caldo de cultura explosivo”. Desta forma, a propensão à predominância da perversidade, na forma da maldade, é imensamente maior em um mundo onde as múltiplas determinações impõem um maior grau da não realização dos desejos. A retenção sem a possibilidade da substituição - do objeto desejado - reverte-se em manifestações acentuadas de violência e destruição, panorama da sociedade brasileira atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Seleção de textos de Jayme Salomão, trad. de Durval Marcondes et al., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2ª. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1979.

VIGNOLES, Patrick. **A perversidade: ensaio e textos**. trad. de Nícia Adan Botai. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.

NOTAS

1. Cf. TOLEDO, R. P. de. “**Razões da violência**”, Entrevista: Jean-Claude Chesnais. In: **Revista Veja**, em 13 de setembro de 1995, pp. 7-10; e também, “Para especialista falta polícia e escola”, da reportagem local, Caderno Brasil. In: **Folha de S. Paulo**, em 03 de setembro de 1995, p.1-18.

2. Os dados referentes ao Censo 2000, bem como a Síntese dos Indicadores Sociais 2002, estão disponíveis no site: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 15 jul. 2003.

3. Sobre o Relatório Nacional do PISA Brasil, consultar o site <http://www.inep.gov.br/internacional/pisa>. Para mais informações, consultar o site <http://www.pisa.oecd.org>. Acesso em: 20 jul. 2003.

4. Cf. AMARAL, L. H. “**Desigualdade entre ricos e pobres é a causa maior da criminalidade**”. Caderno Brasil. In: **Folha de S. Paulo** -, em 03 de setembro de 1995, p.1-17.